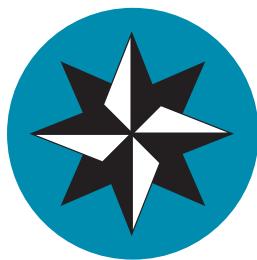




Rosa dos ventos

MAURICIO DIAS



**"A mim me interessa
o povo, capado
e recapado, sangrado
e ressangrado."**

(Capistrano de Abreu,
insuperável historiador
brasileiro, morto
há 90 anos)

O intolerável Lula

► **Toda reforma política tenderá a bloquear a candidatura do ex-presidente. Pouco importa se ele for preso enquanto Temer, Aécio, Jucá permanecem soltos. No Brasil toda esperança renascida logo se desfaz**

Tudo o que for inventado no Congresso pelos governistas de hoje não deixará de ser, amanhã, mais uma ação de desengano do que propriamente uma tentativa de solução política para melhorar o sistema eleitoral.

Distritão? Distrital misto? Fundo partidário? Lista aberta ou fechada? Coligação? Cláusula de barreira? Ou, quem sabe, o parlamentarismo? Enfim, que mixórdia é essa?

Nesta corrida, espécie de maratona improvisada em direção à eleição de 2018, o objetivo não é chegar primeiro seguindo as regras, mas, sim, o de encontrar um meio de bloquear a candidatura de Lula. Seja como for. De que forma for. Não importa que Lula seja preso e que

Michel Temer, Aécio Neves ou Romero Jucá permaneçam soltos. No Brasil, ainda é assim.

A Lava Jato passará e o velho Brasil ressurgirá. Quem poderá desmentir? Está lá na Câmara, em atividade ainda hoje, o deputado baiano Benito Gama. Ele presidiu, em 1992, a CPI informalmente tratada de "CPI do PC". Trata-se de PC Farias, braço direito do então presidente Collor, apeado do poder. Após a queda, Gama proclamou: "O Brasil não será o mesmo após a CPI, nem nós seremos os mesmos". Errou de fio a pavio. Ainda está tudo aí.

É possível, por exemplo, esbarrar em um "democrata" distribuindo palavras de ordem como esta: "O Lula não precisa ser preso, mas ele não pode se candidatar". Até 2002 Lula parecia ser um presidente improvável, tornou-se o mais amado, agora tornou-se intolerável.

Não se surpreendam se, em 2018, desde que haja eleições, o Brasil acabe reprovado. Acautele-se o otimista. Sem candidatos competitivos para as eleições presidenciais, o PSDB, vanguarda do reacionarismo, fará esforços para defender qualquer mudança no sistema político-eleitoral que lhe permita ter chances de voltar ao poder sem apoio dos votos perdidos. Os tucanos estão dispostos a sacrificar o presidencialismo. No programa de televisão cutucaram Temer, epílogo da corrupção, e atacaram certo "presidencialismo de cooptação".

Capitaneado pelo senador José Serra, derrotado em duas eleições presidenciais, tenta-se a introdução do parlamentarismo em substituição ao presidencialismo. A história do parlamentarismo por aqui, no entanto, não é um bom exemplo. Ele foi introduzido para sustentar a posse de João Goulart após a renúncia de Jânio Quadros.

Jango não tolerou a algema. Para fugir da armadilha, armou um plebiscito e consultou a população: presidencialismo ou parlamentarismo? O parlamentarismo foi mandado para as cucuias. Mas veio o golpe.



Benito Gama,
malogrado profeta



Andante Mossو



O prefeito
Doria
incomoda
muito o
governador
Alckmin

João sabido

O prefeito paulista João Doria Jr. faz uma carga avassaladora sobre a pretensão presidencial do governador Geraldo Alckmin. As últimas pesquisas favorecem Doria. Elas comprovam a maior capacidade dele de desidratar a candidatura de Jair Bolsonaro.

Com Lula na competição, a pesquisa DataPoder360, feita por telefones celular e fixo, o confronto é assim: Bolsonaro 25% e Alckmin 4%; Bolsonaro 18% e Doria 12%.

Vista do Rio de Janeiro, segundo pesquisa GPP, a gestão de Doria tem uma avaliação “ótima e boa” de 19,8%. Ele quer reforçar isso. Participará, em setembro, do Rock in Rio.

Pobres moços

São curiosas, e preconceituosas, as regras impostas pelo Partido Novo aos filiados. O Novo, germinado no Rio de Janeiro e registrado no TSE desde 2015, identifica-se como sendo “de direita”.

No parágrafo 2º do artigo 24 da “administração partidária”, é imposta a seguinte regra: “O exercício

do cargo ou função encerra-se aos 75 anos de idade para os membros de Diretórios e aos 70 anos para os demais cargos ou funções”. Uma tolice infantil.

Toque de retirada

Em meio a uma dramática crise financeira vivida pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (Uerj) surgiu uma cisão na Faculdade de Direito. Brotou por lá um movimento, inesperado e inoportuno, pela transferência daquela unidade para as instalações do velho e desativado Tribunal de Justiça, no Centro da cidade, bem distante da universidade.

Houve reações para conter essa disparatada proposta. Uma delas cordial, mas rigorosa, como a do advogado Nilo Batista, professor de Direito Penal da Uerj.

A ocasião é o “pior momento”, diz Batista. E explica: “Estamos providencian- do uma solução para nós e deixando os demais uerjanos à própria sorte. É possí- vel que alguém possa chamar isso de resistência (...), mas é do léxico militar que provém o nome exato: retirada”.

A mudança, além de tudo, sacrificará alunos que se deslocam do subúrbio.

Globo versus Temer

Há uma explicação mais concreta, muito além de devaneios políticos, sobre o bombardeio feito pelo aparat o do Grupo Globo, televisão, rádio, jornal e revista, contra o governo de Michel Temer, implantado por um golpe parlamentar. A Globo conduziu a articulação golpista contra Dilma.

O conflito aberto agora é apontado como resultado do descaso de Temer com interesses comerciais vitais da empresa. Mais precisamente, com a venda da televisão aberta. Em queda livre na audiência, como todas as outras emissoras, ela tem fim determinado como veículo de comunicação. Resta vender o mais rápido possível, na medida em que não há mais como driblar a crise. A demora poderá forçar a venda fatiada.

Temer, cauteloso, não botou o tema em pauta no Congresso, como teria sido combinado entre as partes. Isso exige, como se sabe, alterações na Constituição. O parágrafo 1º do artigo 222 restringe a participação estrangeira a 30% do capital total e do capital votante “das empresas jornalísticas e de radiodifusão sonora e de sons e imagens”.

A poderosa Rede Globo é considerada hoje uma geradora de caixa “em descenso”.

Sentença

“Aécio saiu pequenininho do episódio (...). Vai pedir 2 milhões de reais a Joesley para pagar advogados? Vá ao banco”, sugere o sociólogo Bolívar Lamounier, fundador do PSDB. Quem vai arrumar o ninho tucano?